

**A universidade viva de Darcy Ribeiro: a paisagem no Plano Diretor do
campus 60 anos depois¹**

Maribel del Carmen Aliaga Fuentes

Professora Doutora, UnB, Brasil
marialiaga@unb.br

Carolina Pescatori Candido da Silva

Professora Doutora, UnB, Brasil
pescatori@unb.br

Paola Caliar Ferrari Martins

Professora Mestre, UnB, Brasil
paolaferrari@unb.br

¹ Em setembro de 2022, a comissão responsável pela atualização do Plano Diretor do campus Darcy Ribeiro lançou edital para selecionar equipes que vão contribuir com estudos técnico-científicos. Para saber mais sobre o edital: <https://noticias.unb.br/76-institucional/5941-edital-seleciona-participantes-para-atualizacao-de-plano-diretor>

RESUMO

A Universidade de Brasília está vivendo um momento muito importante para seu futuro: a revisão do Plano Diretor do Campus Darcy Ribeiro, com uma proposta que irá estabelecer as diretrizes para a ocupação dos espaços do campus, tanto das áreas já construídas quanto das áreas de preservação, bem como, futuras expansões. Assim como qualquer cidade, a cidade da universidade precisa pensar continuamente seu espaço, sua ocupação e seu uso. Procurando equilíbrio entre a preservação do seu patrimônio cultural moderno, de valor reconhecido nacional e internacionalmente, se adequando aos enormes desafios impostos pela crise ambiental, ao crescimento e às demandas da população universitária. Este crescimento desejado, planejado e necessário precisa de diretrizes de projeto que entendam estes novos usuários que vêm de todo o distrito federal, e que ainda incorporem na sua paisagem as noções de sustentabilidade, inclusão e equidade. Apesar da clara predominância desses princípios e do seu enorme potencial social e paisagístico, existem limitações e desafios a serem vencidos. A relação do campus com as superquadras, de onde vêm parte importante dos fluxos de pedestres e onde a cidade ‘acontece’, é frágil, pouco generosa e implica em percursos muitas vezes arriscados, especialmente para os corpos mais vulneráveis. Por sua vez, a relação do campus com o lago Paranoá, um recurso paisagístico e ambiental extremamente valioso, também pode ser melhorada e ampliada. As áreas remanescentes de cerrado estão sofrendo processos de degradação e precisam de estratégias de conservação, viabilizando, assim, sua preservação e reconhecimento social.

PALAVRAS-CHAVE: paisagem, território, patrimônio, plano diretor, campus universitário

1. OS DIFERENTES OLHARES

A história da construção do Campus Darcy Ribeiro se confunde com a de Brasília, tanto nas propostas de projeto como no desejo de modernidade, seu desenho, projeto original também de Lucio Costa, segue os princípios configuracionais modernos. A cidade universitária, assim como a cidade construída, é delineada por estradas curvas e aceleradas que permitem os acessos ao Campus em suas diversas escalas, o que corresponde à cidade dentro da cidade. Porém, a universidade não se restringe apenas ao seu perímetro delimitado em projeto; ela propõe também uma integração com a Asa Norte, com a ocupação pontual de alguns edifícios ao longo da via L3 e com a proposta de implantação de escolas experimentais ao longo da via L2, servindo de transição com a cidade na sua escala residencial.

O projeto inicial era ambicioso e previa que, iniciando as obras em 1962, a universidade poderia receber em três anos os primeiros 1500 alunos e, a partir disso, receber dois mil novos alunos a cada ano, até completar dez mil alunos em 1970. Ou seja, a construção da universidade estava em perfeita sintonia com a construção do país: 50 anos em 5. Porém, nestes 60 anos a universidade cresceu, se transformou, hoje a UnB tem mais de 55 mil pessoas (DPO-UnB, 2022). Este crescimento desejado, planejado e necessário precisa de propostas de projeto que entendam estes novos usuários e incorporem no seu projeto as noções de sustentabilidade, inclusão e a equidade.

No processo de expansão e crescimento, a ocupação do terreno, os edifícios universitários do campus Darcy Ribeiro foram implantados separados entre si por amplos espaços verdes livres, onde a paisagem se abre em vários visuais para o lago Paranoá; há uma separação dos fluxos de veículos motorizados e pedestres, que

transitam pelo campus em experiências sensoriais muito diferentes, não apenas pela velocidade, mas pelas espacialidades percorridas. O conjunto, especialmente na área histórica do campus, forma uma paisagem urbana bastante articulada com a escala bucólica da cidade, onde o campus opera (ou pode operar) como um parque urbano, estabelecendo relações cotidianas com a cidade e a população que extrapolam o mero uso institucional (universidade). Apesar da clara predominância desses princípios, a configuração da expansão do campus para norte e sul fez com que o campus perdesse qualidades estruturais de conexão física e simbólica, gerando espaços segregados e desarticulados entre si.

Mapa 1: Campus Universitário Darcy Ribeiro.

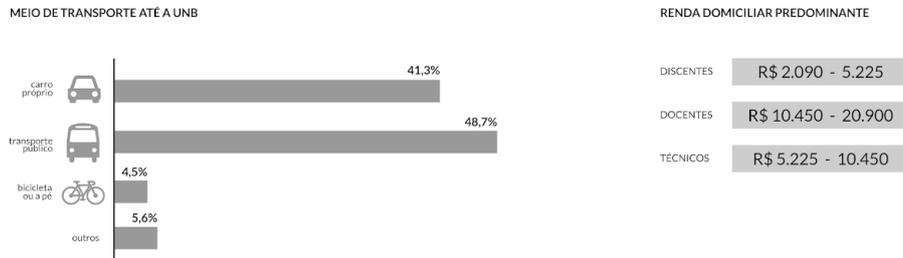


Fonte: Paulo Honorato, 2022.

Pode-se argumentar que o campus se expandiu por meio de um “Urbanismo para o automóvel”, que privilegia espaços e infraestruturas dedicadas aos veículos e seus usuários: edifícios com estacionamentos gigantescos, edifícios ilhados em estacionamentos, vias de circulação de veículos sempre bem pavimentadas e iluminadas, enquanto as calçadas são estreitas, desprotegidas da insolação e/ou mal iluminadas, muitas vezes com pavimentação inadequada e com percursos desconectados das linhas de desejo, que não conformam as necessárias costuras urbanas entre edifícios (tão características da área histórica do campus). Importante destacar que os usuários de carros são minoria frente ao perfil dos alunos e funcionários

(TACO et. Al., 2011), o que indica a necessidade de uma adequação urgente, compreendendo o espaço do campus como parte indissociável das políticas de democratização do ensino público no Brasil (habitação, segurança, lazer, transporte, segurança alimentar).

Diagrama 1: mobilidade e renda da população universitária.



Fonte: INGLÊS, 2021.

Esse mesmo urbanismo resulta em um espaço urbano inseguro, especialmente para as populações mais vulneráveis (FALÚ, 2009), como as mulheres e as pessoas LGBTQIA+, bem como para os moradores das poucas áreas habitacionais do campus, o Centro Olímpico e a Colina, que vivem e transitam por espaços ermos, escuros e potencialmente perigosos. Após um longo tempo de isolamento social e retorno às atividades presenciais, tivemos essa questão da segurança e, principalmente da sensação de insegurança exposta em episódios que mobilizaram toda a comunidade acadêmica, trazendo para o debate questões como deslocamentos, iluminação, e vulnerabilidade e precariedade das instalações sanitárias. Esta sensação é potencializada nos cursos noturno, frequentados na sua maioria por estudantes, trabalhadores e usuários de transporte coletivo. Não encontramos informações mais detalhadas sobre gênero entre os números totais de frequentadores do espaço no Anuário Estatístico da Universidade, bem como faltam dados mais claros de classe e raça (hooks, 2020).

2. ESPAÇOS, IDEIAS E POLÍTICAS

A origem das questões que envolvem a UnB atualmente, em uma dimensão territorial, encontra-se na primeira metade da década de 1960, mais precisamente a partir da primeira invasão ao campus pelos militares, em 1964. A constituição arquitetônica e urbanística do Campus tem sua origem na espacialização das ideias de uma nova universidade desenhada no estudo urbanístico de Lucio Costa, e no posterior desenho de Oscar Niemeyer, que sintetizou em estrutura a ideia de Darcy Ribeiro. A proposta de Ribeiro apresentava uma nova estrutura organizacional para a universidade, paradigmática no Brasil. Trata-se do tripé ensino, pesquisa e extensão e

da implementação dos Institutos Centrais de Ciências - voltados para o ensino do saber fundamental. A estrutura tem como premissa o fim da cátedra, a criação do sistema de créditos, do departamento como unidade, da pós-graduação e a conquista da autonomia universitária.

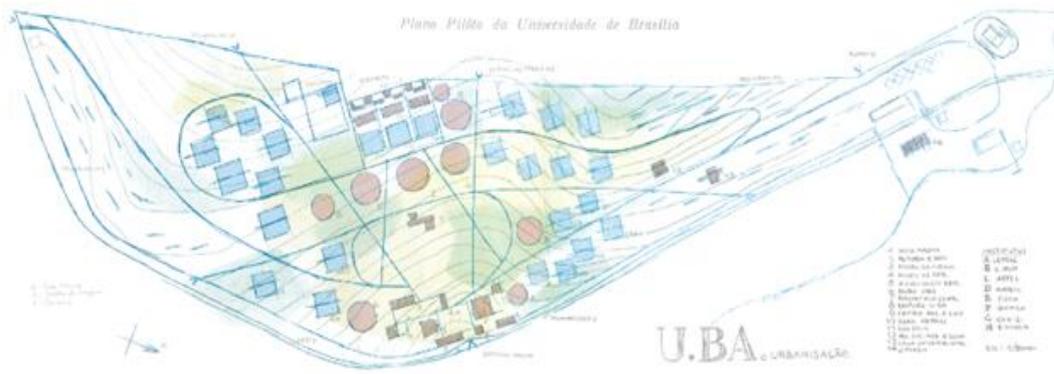
A sua implementação elevou a UnB à categoria de modelo institucional do ensino superior e consolidou a modernização da universidade brasileira, tão necessária, sendo base inclusive para a Reforma de 1968. O modelo, inédito no Brasil, modernizou a universidade, considerada defasada e com estruturas arcaicas à época. Os primeiros planos urbanísticos de ocupação do território universitário refletiam a estrutura pedagógica, porém os seguintes foram gradativamente perdendo a essência deste modelo organizacional ao longo dos anos.

Porém, as transformações políticas ocorridas em 1964 trouxeram profundos impactos à Universidade de Brasília com reflexos diretos na constituição do campus. Do primeiro plano urbanístico, apresentado por Lucio Costa ao mais atual, desenvolvido pelo Centro de Planejamento Oscar Niemeyer (CEPLAN), é possível observar nas diretrizes de planejamento, o sucessivo afastamento dos principais conceitos contidos no plano organizacional, em vários aspectos, tais como integração acadêmica, interação social e flexibilidade. A breve narrativa histórica de constituição do campus contribui para examinar a estrutura física do campus e posteriormente subsidiar a construção de estratégias e metodologias de planejamento e transformação de paisagem, que contribuam para dirimir problemas atuais que a aproximam de uma estrutura ultrapassada.

3. OS DIFERENTES PLANOS

O primeiro estudo para o campus foi desenvolvido em 1960, por Lucio Costa. O território reservado à universidade da nova capital do país foi marcado previamente em seu Plano Piloto, de 1956. O estudo de Costa para a universidade mostra uma composição marcada por eixos viários (Figura 1). Estes se configuram no sentido longitudinal e transversal e segregam os percursos de pedestres e automóveis. O traçado viário conforma um amplo espaço central, a leste do campus. Contíguo a este espaço, havia uma praça, com caráter recreativo e cultural, delimitada pela implantação de edifícios cívicos, denominado Praça Maior. O conjunto marca a entrada principal da universidade, na margem da via L4, próxima ao lago. Os Institutos Centrais e as faculdades foram organizados em torno destes espaços; as atividades de serviço, no limite do território oposto à entrada, voltado para a cidade. Os alojamentos foram localizados a norte e o centro olímpico no extremo norte. Costa concebe a universidade como um amplo parque, aberto à população, com ocupação central do território. O seu estudo serviu de base para as intervenções posteriores.

Figura 1: Plano urbanístico de Lucio Costa para a Universidade de Brasília.

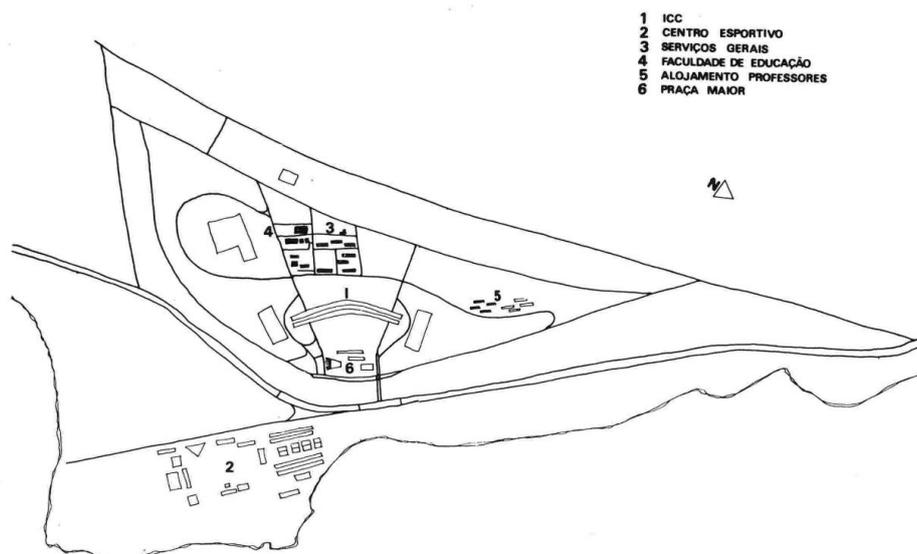


Fonte: "PLANO ORIENTADOR DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA", 1962.

Em 1963 tem início a participação de Oscar Niemeyer no planejamento do campus. O arquiteto faz algumas interferências no estudo de Costa sendo uma delas a mais relevante: a aglutinação dos Institutos Centrais de Ciências em uma única e extensa edificação, o ICC (Figura 2). O gesto implica em nova centralidade no campus. Antes marcada pela praça, o grande volume linear, levemente arqueado, proposto pelo arquiteto, com mais de 700 m de extensão, implantado no sentido das curvas de nível, cria um eixo norteador das demais implantações e institui nova leitura dos espaços e da paisagem. O partido é caracterizado pela horizontalidade. Sua forma envolve a praça e abre as visuais para o lago. Estas características o integram à paisagem do entorno.

Além do ICC, o plano de Niemeyer mostra alterações na praça. Com a intenção de proporcionar um "caráter singelo e acolhedor" (NIEMEYER, 1963, p. 33), altera alturas e volumes das edificações que a compõem. O conjunto é permeado por farta vegetação e reforça a escala bucólica. No tempo em que Niemeyer projeta o ICC, a UnB incorpora a gleba B a seu território. O arquiteto então, desenvolve um projeto para a área. Com premissas de criar espaços para práticas esportivas, recreação e competição e integrá-los à praça maior, propõe o Centro Olímpico da Juventude de Brasília. O plano urbanístico de 1963 incorporava diretrizes que o qualificavam nos aspectos paisagísticos, sociais e pedagógicos. Refletia os principais preceitos do plano de Ribeiro e instituiu uma certa setorização: a Praça Maior e o ICC ao centro; as faculdades a norte e sul; a noroeste, os alojamentos para professores e estudantes; a oeste, nas bordas da cidade, os edifícios para serviços gerais (SGs) e o comércio.

Figura 2: Plano urbanístico 1962-1964.



Fonte: Plano de Desenvolvimento Físico, Universidade de Brasília, 1975, p.50.

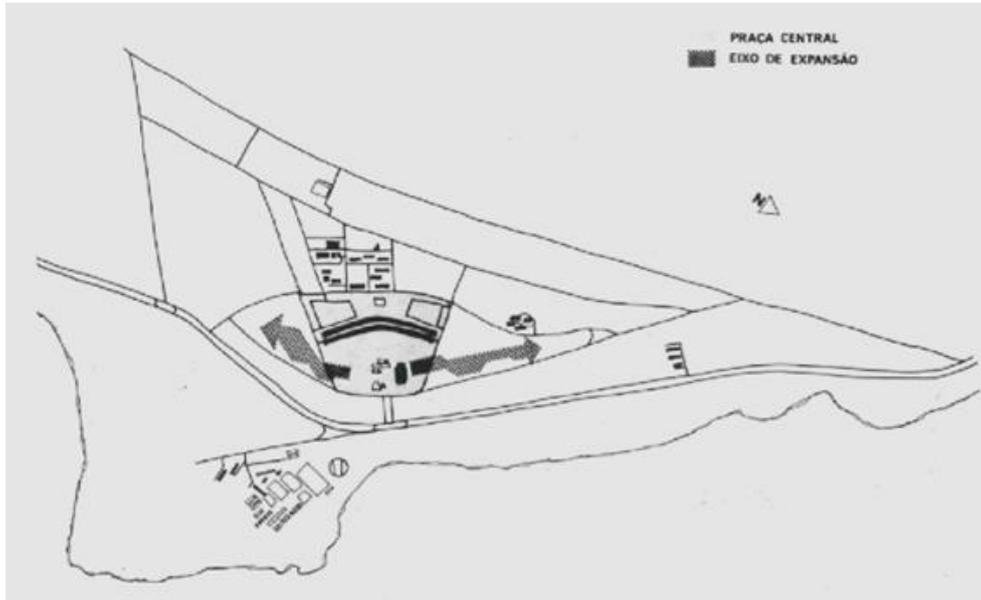
Ocorre que a invasão ao campus pelos militares direcionou a expansão e ocupação do campus para um novo caminho em termos de planejamento. Conforme lamentou Darcy Ribeiro, um “descaminho” (RIBEIRO, 1978). O período de ditadura se estendeu até 1985. Logo após a primeira invasão foram afastados mais de duzentos professores, entre eles os principais arquitetos e urbanistas do campus: Oscar Niemeyer, Lelé, Alcides da Rocha Miranda, autores do planejamento e dos primeiros projetos edilícios. As atividades de planejamento foram quase paralisadas. Esta fase representa o fim de uma idealização que refletia os anseios de Darcy Ribeiro na implementação da universidade moderna.

Em 1969, houve a retomada dos projetos com nova coordenação do CEPLAN. O centro de planejamento passa a funcionar com nova equipe de arquitetos e a ser controlado pela administração superior. Os planos seguintes revelam uma contínua dispersão das edificações e um controle das tomadas de decisão por parte da administração superior. O primeiro plano desta fase foi o de 1972. Dentre as principais decisões estão a implantação do restaurante Universitário a oeste do ICC – em desacordo à proposta original - e a incorporação de um novo edifício à praça - então denominada Praça Central: o centro de vivência da universidade. No mesmo tempo, projetam e constroem os edifícios da reitoria e da biblioteca central. A iniciativa de criação do centro de vivência advém da execução do Centro Olímpico na Gleba B, de acordo com projeto dos arquitetos do CEPLAN, e da transferência do alojamento estudantil para a mesma área. As medidas configuram um polo recreativo e comunitário aberto à comunidade acadêmica e à população.

As alterações propostas em 1972 têm por objetivo imprimir um caráter comunitário à praça e um polo de vivência a oeste do ICC. Neste lado, haviam sido construídos os pavilhões de Serviços Gerais (SGs), ocupados provisoriamente com

outras atividades, e a Faculdade de Educação. A configuração consolida esta área como um espaço central, gregário, mas polarizado com relação à praça, com a reitoria e a biblioteca em construção, criando um eixo leste-oeste, atravessando o ICC. Havia ainda previsão de crescimento no sentido norte-sul, com a implantação das unidades acadêmicas de ensino e pesquisa, interceptando a praça (Figura 3). A proposta dá início à expansão no sentido norte-sul.

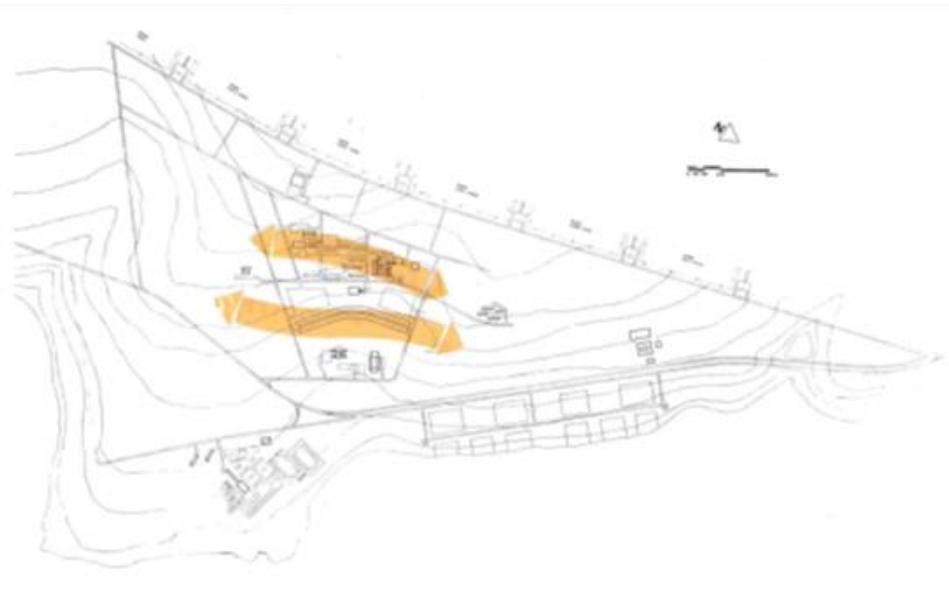
Figura 3: Proposta de 1972 para a ocupação do Campus Universitário Darcy Ribeiro.



Fonte: CAMPUS III - Planejamento Físico do Campus, Universidade de Brasília, 1972.

Em 1975, com o aporte de recursos advindos do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), novo plano foi desenvolvido. Nesse, começa a haver uma setorização das atividades do campus. A oeste, os SGs, o restaurante, os edifícios de alojamento dos professores (Colina) e o conjunto de edificações da tecnologia, criando um eixo de expansão a oeste do ICC. Um segundo eixo foi determinado a leste, paralelo ao primeiro, pela expansão no sentido norte-sul com a implantação do complexo da Faculdade de Ciências da Saúde e da Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas (Figura 4).

Figura 4: planta do Campus Universitário Darcy Ribeiro.



Fonte: Plano de Desenvolvimento Físico de 1975, p. 121.

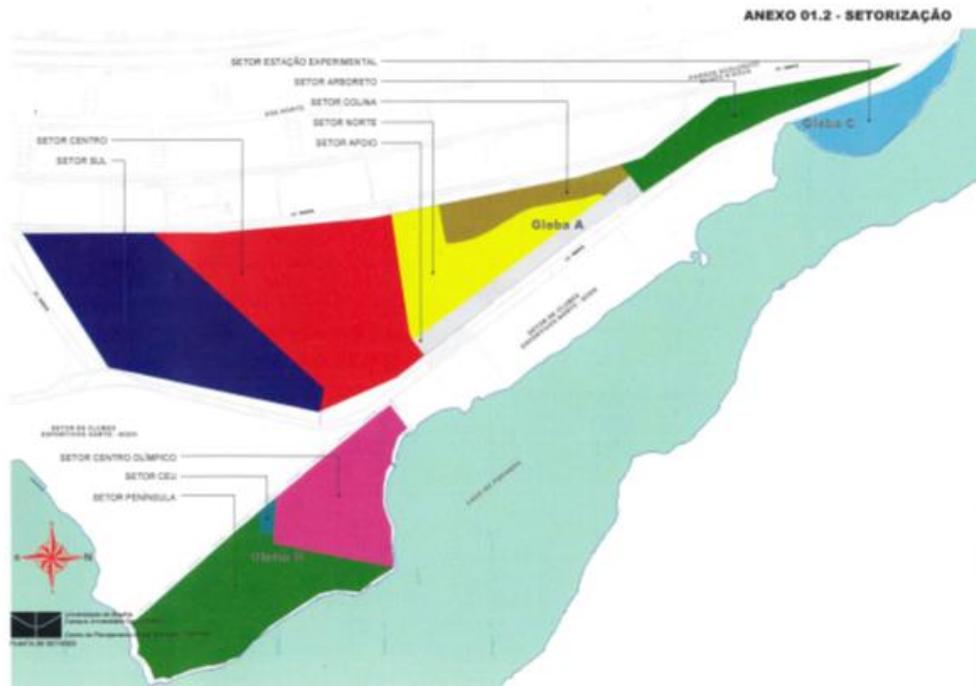
A partir de 1975, foram desenvolvidos uma série de planos e propostas de ocupação do território universitário que se estenderam até o ano 2016 (Tabela 1). Alguns abordam questões gerais, outros mais específicas como a ocupação, da extremidade sul do campus, o plano de circulação e o planejamento do Parque Tecnológico. Em 1998, foi elaborado o primeiro Plano Diretor. Neste, entre outros, foi determinado o zoneamento do campus, além de diretrizes projetuais e normativas. Em 2000, foi aprovada a “Resolução do Conselho Diretor n. 004/2000” regularizando parte das diretrizes do plano de 1998, destas destaca-se a setorização do campus. A divisão em setores contribui para criar uma compartimentação, reforçada posteriormente pelas diretrizes de uso e ocupação do solo na resolução do Conselho Diretor número 7 de 2016 (Figura 5).

Tabela 1: Planos e propostas de ocupação do Campus Universitário Darcy Ribeiro.

Item	Documento	Ano	Tipo
1	Plano Piloto da Universidade de Brasília	1960	Plano
2	Planos para o Campus	1962-1964	Plano
3	Planejamento Físico do Campus	1972	Proposta
4	Plano de Desenvolvimento Físico	1975	Plano
5	Programa de Necessidades Ambientais	1978	Proposta
6	Política de Ocupação do Campus	1987	Proposta
7	Ideia de Desenvolvimento Físico Espacial do Campus	1988	Proposta
8	Planejamento da Extremidade Sul do Campus	1988	Plano
9	Planejamento Físico do Campus	1989	Proposta
10	Plano de Circulação do Campus	1992	Proposta
11	Relatório de Apresentação do Parque Tecnológico	1993	Proposta
12	Diretrizes da Estação Experimental de Educação Ambiental	1995	Proposta
13	Plano de Trabalho do Plano Diretor Físico do Campus	1996	Proposta
14	Relatório Parcial do Plano Diretor de Ampliação da Capacidade Física do Campus	1996	Proposta
15	Plano Diretor Físico do Campus	1998	Plano
16	Resolução do Conselho Diretor da FUB n. 004	2000	Plano
17	Estudos para o Parque Científico e Tecnológico	2007	Proposta
18	Estudo do Plano de Circulação para o Campus	2008	Proposta
19	Campus Darcy Ribeiro: Elementos do Projeto Urbano	2010	Proposta
20	Resolução do Conselho Diretor da FUB n. 007	2016	Plano

Fonte: Extraído de SOARES, 2018, p. 5.

Figura 5: Setorização do Campus Universitário Darcy Ribeiro.



Fonte: Resolução do Conselho Diretor da FUB, nº007/2016.

A implantação dispersa das edificações e a autossuficiência das unidades acadêmicas foi mais intensa a partir de 2007. Neste ano, o Governo Federal instituiu o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI). O programa expandiu a quantidade de cursos, o número de vagas, a contratação de professores e a compra de novos equipamentos. O investimento resultou na massificação do ensino e, portanto, em maior demanda por espaço físico. Foi implementado, então, um novo plano de expansão física do campus, a norte e a sul. Como reflexo deste projeto, observou-se maior ritmo de construção no campus, por um curto período de tempo. A expansão intensificou o crescimento a norte e a sul, provocando uma maior desarticulação entre estes e o setor central.

4. O REPENSAR TEÓRICO

Para repensar os espaços livres do campus enquanto elementos de articulação multidimensional na (e) da paisagem, propomos um arcabouço teórico que pretendemos abordar nesta proposta, que se coaduna com a conformação histórica do campus e com os desafios urbanísticos e paisagísticos que identificamos. Primeiramente, compreendemos que a paisagem é uma potente chave de interpretação, atuação projetual e de planejamento da cidade contemporânea, sendo elemento estruturador do espaço do campus. A paisagem deve ser compreendida sob duas dimensões: uma dimensão concreta, relacionada a sua materialidade e

espacialidade que é “resultado das marcas que a(s) sociedade(s) humana(s) imprime na superfície terrestre ao longo do tempo”, e uma dimensão fenomenológica, relacionada às representações sociais, voltada à subjetividade do indivíduo (Verdum; Vieira; Pimentel, 2016, p.132-133). Essa compreensão ampliada da paisagem permeia nossa abordagem metodológica e nossa proposta de leitura e diagnóstico do campus.

Decorrente disso, três noções se apresentam como fundamentais nesta proposta: o reconhecimento do potencial paisagístico do cerrado e a necessidade de novas sensibilidades estéticas (OUDOLF, KINGSBURY, 2013; MELLO, PASTORE, 2021; SIQUEIRA, 2016, 2017; BOKOS, 2017); a ideia de “cidade porosa” (VIGANÓ, 2016, 2019); e o conceito de “Urbanismo da Paisagem” (WALDHEIM, 2002, 2017).

Qualquer intervenção paisagística no campus precisa reconhecer que é urgente uma mudança de paradigma para o projeto da paisagem. A crise climática e a destruição ambiental exigem novas abordagens teóricas e práticas, que necessariamente implicam no reconhecimento do bioma local – o cerrado – enquanto referência ambiental, projetual e estética. Ademais, a universidade precisa pensar e produzir seu espaço a partir de outros processos que difiram profundamente daqueles centrados na produção capitalista da cidade (HARVEY, 2012). O campus tem um papel pedagógico a cumprir, servindo como laboratório de novas/outras práticas que demonstrem à sociedade que é possível construir espaços urbanos ambientalmente responsáveis e socialmente inclusivos, oferecendo soluções e práticas que possam ser reproduzidas na cidade. Desta forma, também o campus pode ilustrar possibilidades paisagísticas naturalísticas (SIQUEIRA, 2017; BOKOS, 2017) que reconheçam e valorizem o cerrado e suas espécies e organizações ecológicas e as incorporem no espaço urbano e cotidiano do campus.

A noção da *cidade porosa*, desenvolvida pelos arquitetos italianos Bernardo Secchi e Paola Viganó (2016), procura reconhecer a potência ecológica e infraestrutural dos espaços dispersos, propondo intervenções urbanísticas baseadas na organização e articulação dos espaços livres, da infraestrutura urbana e da arquitetura. Viganó (2016) compreende a ideia de porosidade como uma potente metáfora, “útil para descrever e projetar as cidades e seus territórios contemporâneos”. A porosidade se relaciona com a densidade e com as distâncias a partir de uma dimensão ecológica, mas também abarca implicações sociais e econômicas.

Outro debate importante sobre a paisagem urbana que entendemos ser crucial ao planejamento do campus é a ideia de ‘*Urbanismo da Paisagem*’, conforme desenvolvido pelo arquiteto paisagista Charles Waldheim e outros (2006). Argumenta-se que a arquitetura e o urbanismo deveriam suplantam o seu papel tradicional baseado na morfologia e que o projeto deveria configurar-se a partir da gestão da infraestrutura, água, biodiversidade e atividade humana, examinando as suas implicações ecológicas. Questões como a consciência ecológica do ambiente construído, a predominância da horizontalidade em oposição à estruturação vertical, as técnicas adaptadas ao meio-ambiente e a possibilidade imaginativa do projeto na sua implantação são alguns dos

princípios do ‘Paisagem como Urbanismo’. Essa proposta de uma cidade capaz de preservar e valorizar seus interstícios não-edificados – pode aumentar sua capacidade de resiliência frente aos riscos das mudanças climáticas.

5. O OLHAR CRÍTICO SOBRE O TERRITÓRIO: CONCLUSÕES PROVISÓRIAS

Nossa proposta metodológica para os trabalhos de *Levantamentos, Atualizações, Mapeamentos e Sistematização de Dados* sobre o Campus Darcy Ribeiro para o *Eixo 6 – Paisagem e Paisagismo* se estrutura por meio de aproximações sucessivas aos espaços do campus a partir de diferentes escalas de observação e análise, seguindo da escala macro (relações do campus com a cidade) até a escala micro (espaços públicos, praças, jardins, dentre outros). Estas aproximações em escalas têm como principal objetivo oferecer uma mirada transdisciplinar e transversal da paisagem urbana do campus, ultrapassando a abordagem de diagnóstico por temas ou categorias, decorrente do pensamento disciplinar, que pode restringir ou limitar a complexidade inscrita no espaço e na experiência cotidiana do campus.

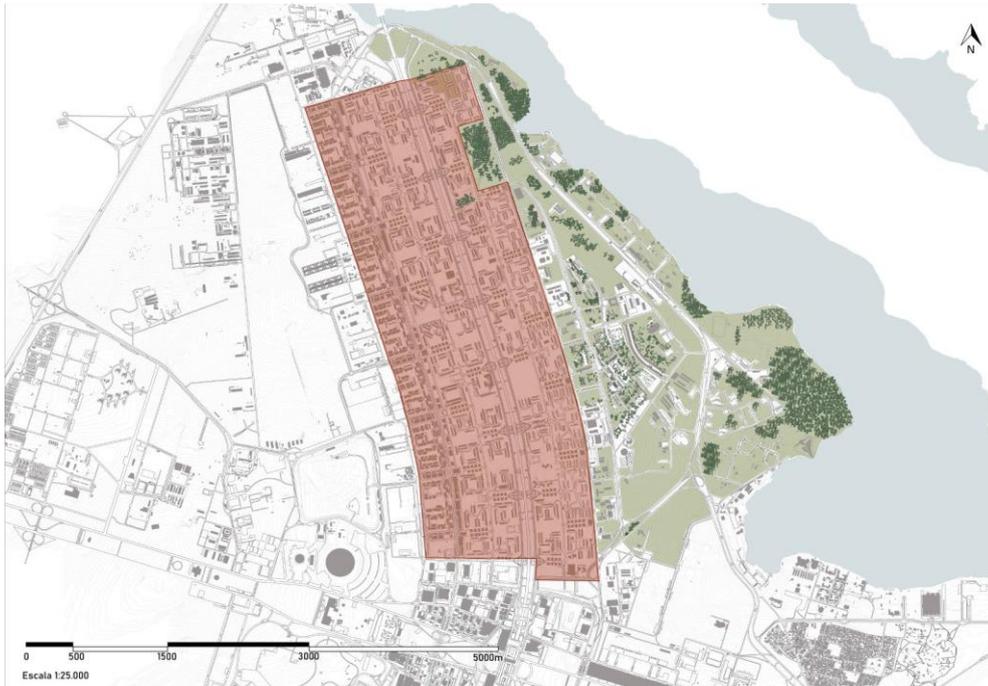
Assim, propomos a análise para embasamento da proposição de diretrizes/normas urbanísticas que procurem rearticular o campus em diferentes escalas desde sua relação com a cidade, especialmente na escala do pedestre e usuários de transporte público, até as necessárias (re)articulações entre os diferentes espaços públicos intra-campus. Importante destacar que apresentamos alguns pontos centrais, que poderão e deverão ser ampliados no decorrer dos trabalhos.

5.1. ESCALA MACRO: RELAÇÃO CAMPUS – CIDADE

A relação entre a cidade e a cidade universitária, é permeada por uma via para automóveis de contorno, a L3. Tanto a velocidade da via como a configuração urbana frente-fundo dos lotes, transformam-se em uma barreira de isolamento. Esse espaço residual transforma-se em um anel periférico das superquadras da Asa Norte (figura 6), espaço de ocupações precárias da população que vive dos recicláveis. A figura 7, pontua aquilo que chamamos de enclaves urbanos:

‘Enclave’ pode ser entendido como uma região distinta, destoante ou dissonante do território que se insere. A escolha desse termo foi pensada por sua relação direta ao entorno imediato, as superquadras. Em destaque na cor vermelha, é possível identificar o limite das superquadras e, em amarelo, é possível perceber os mencionados enclaves. A relação que se pode estabelecer entre essas duas áreas é a de limite, as mulheres em situação de rua localizadas nos enclaves, ainda que dentro do Plano Piloto, foram postas à margem. Essa espacialização fica clara nesse mapa e podemos perceber que as trabalhadoras estão na fronteira que se pode considerar a cidade, e assim, elas não têm direito à cidade planejada. (VILELA, 2022)

Figura 6: Relação com as Superquadras.



Fonte: Refugiadas urbanas, 2022.

Figura 7: Enclaves e ocupações.



Fonte: Refugiadas urbanas, 2022.

5.2. ESCALA INTERMEDIÁRIA: RELAÇÃO CAMPUS – ORLA DO LAGO PARANOÁ/RELAÇÕES ENTRE GLEBAS

Apesar da proximidade do campus com a orla do lago e a sua importância na configuração urbana do mesmo, a vida universitária cotidiana tem poucas oportunidades de se relacionar com o mesmo e estas oportunidades podem ser ampliadas, especialmente se a Gleba B – Centro Olímpico e FEF for mais integrada aos demais espaços universitários.

Repensar a articulação entre a Gleba A e Gleba B nos parece fundamental para viabilizar novas articulações, usos e apropriações que permitam maior integração entre as áreas do campus, ao mesmo tempo em que podem reduzir a segregação socioespacial engendrada na atual situação, considerando que a única área para habitação estudantil de graduação está localizada no C.O.

5.3. ESCALA MICRO: RELAÇÃO ENTRE OS ESPAÇOS INTRA-CAMPUS

É na escala micro que se dão os encontros sociais e onde os espaços públicos são apropriados, incorporados aos cotidianos e às memórias dos seus habitantes. Portanto, a intervenção nessa escala demanda uma articulação entre os caminhos de pedestres, os edifícios e suas permeabilidades e opacidades, os espaços livres para percorrer e para estar, a vegetação e o mobiliário urbano.

Figuras 8 e 9: Espaços externos e internos do campus.



Fonte: Ateliê, 2022.



Fonte: Maribel Aliaga, 2022.

Nesta escala, precisamos pensar as necessárias costuras urbanas e paisagísticas entre os diferentes espaços e destinos, facilitando a integração entre eles, sempre priorizando a escala do pedestre e oferecendo soluções de conforto ambiental efetivas (vegetação, marquises, edifícios permeáveis articulando os caminhos).

Figura 10: Praça Maior e Anfiteatro, com destaque para a vegetação.



Fonte: Carolina Pescatori, 2022.

Ademais, é fundamental repensar o urbanismo voltado para o automóvel que orientou a expansão do campus nos sentidos norte e sul, reorganizando os espaços abertos para que eles operem como articuladores entre os edifícios, conformando espaços abertos livres onde um paisagismo ofereça novas experiências estéticas e de fruição.

Figura 11: Edifícios imersos em estacionamentos na parte norte do campus.



Fonte: Carolina Pescatori, 2022.

Em 1962 Darcy Ribeiro usou da sua proximidade com os arquitetos que construíram a cidade para colocar em prática e concretude as ideias transformadas pela arquitetura e urbanismo. Este sonho de integração dos saberes, depois da ditadura, se perdeu na dispersão dos cursos e dos blocos de edifícios sem conexão. E, reverberações deste período ainda podem ser observadas na apropriação contemporânea do espaço urbano.

Essa breve narrativa expõe a urgente necessidade de pensar novas estratégias e metodologias de planejamento para o campus da UnB, que busquem alinhamento aos conceitos associados a um ensino pluriversitário, transdisciplinar e democrático. Na construção deste conhecimento, as diversas equipes do Plano Diretor elaboraram um questionário aberto a toda comunidade universitária que contou com mais de 1.300 respostas, incluindo questões sobre as diversas temáticas e escalas de questionamentos como subsídio para a elaboração do Plano Diretor. Outra iniciativa, tomada pela equipe de Paisagem e Paisagismo, foi criar uma disciplina de ateliê optativa, que conta com 24 alunos de diversos cursos, semestres e campi diferentes. O ateliê tem sido um espaço de construção coletiva das desejadas novas práticas de planejamento e projeto, tentando entender o processo histórico de configuração do campus frente ao novo perfil dos usuários do campus.

Referências

- ALIAGA FUENTES, Maribel. **Os primeiros mestrados da FAU-UnB: de um passado que não se construiu**. Tese, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2017. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/24497>>.
- ALMEIDA, J. G. DE. Território das Instituições Federais de Ensino Superior Brasileiras (IFES): uma reflexão sobre o planejamento de campus e suas práticas na década de 70 e atual. **Paranoá - cadernos de arquitetura e urbanismo**, n. 19, 2017a.
- ALMEIDA, J. G. DE. **Universidade de Brasília: ideia, diáspora e individuação**. 1. ed. Brasília: Universidade de Brasília, 2017.
- ARANTES, C. O. **Instituto Central de Ciências: planos e projetos: 1963/2013**. 2013.
- BOKOS, Helena. **JARDINS DE CERRADO: Ideias para a criação de uma Identidade Paisagística Utilizando a Flora Nativa**. Ensaio Teórico. Orientadora: Carolina Pescatori, FAU-UnB, 2017.
- CAMPOS, E. DE S. **Universidades - Cidades Universitárias**. São Paulo: Imprensa da Universidade de São Paulo, 1946.
- CASTELLO BRANCO, A. P. A arquitetura do Sistema Básico da UFMG. In: **Territórios da Universidade: permanências e transformações**. Belo Horizonte: UFMG, 2012.
- CAVALCANTE, N. **Ceplan: 50 anos em 5 tempos**. 1. ed. Brasília, DF: Viva, 2021.
- CEPLAN. **Campus III, Planejamento físico do Campus da Universidade de Brasília**. Universidade de Brasília, 1972.
- CEPLAN. **Resolução do Conselho Diretor no 0007/2016**. 2016.
- CHARLE, C.; VERGER, J. **História das Universidades**. Tradução: Elcio Fernandes. São Paulo: Unesp, 1996.
- COULSON, J.; ROBERTS, P.; TAYLOR, I. **University planning and architecture: the search for perfection**. Abingdon, Oxon: Routledge, 2011.
- DOBER, R. P. **Campus planning**. Cambridge: Reinhold publishing corporation, 1964.
- DOBER, R. P. **Campus landscape: functions, forms, features**. New York: Wiley, 2000.
- FALÚ, Ana (Org.). **MUJERES EN LA CIUDAD - De violencias y derechos**. 1. ed. Santiago de Chile: Ediciones SUR, 2009. Disponível em: <<https://www.sitiosur.cl/detalle-de-la-publicacion/>>. Acesso em: 5 set. 2022.
- FÁVERO, M. DE L. DE A. **A universidade brasileira em busca de sua identidade**. Rio de Janeiro: Vozes, 1977.
- FÁVERO, M. DE L. DE A. **Da universidade "modernizada" à universidade disciplinada: Atcon e Meira Mattos**. São Paulo, SP: Cortez Editora: Autores Associados, 1991.
- GARBOGGINI, F. B. **Por uma arquitetura dos espaços abertos: a reabilitação do campus da Unicamp no século XXI**. Campinas, SP: UNICAMP, 2016.

- GARCIAVELEZ ALFARO, C. **Form and pedagogy: the design of the university city in Latin America; Forma y pedagogía: el diseño de la ciudad universitaria en america latina.** 1. ed. Novato, California: Applied Research and Design Publishing, 2014.
- GASPARINI, G.; POSANI, J. P. **Caracas a través de su arquitectura.** Caracas: Armitano Editores, 1998.
- HARVEY, David. O direito à cidade. **Lutas Sociais**, São Paulo, n.29, p.73-89, jul./dez. 2012.
- HASKINS, C. H. **The Rise of universities.** London: Cornell University, 1984.
- HOOKS, bell. **o feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras.** Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 2020.
- HUMBOLDT, W. VON. Sobre a organização interna e externa das instituições científicas superiores em Berlim. In: **Um mundo sem universidades?** Coleção Universidade. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2003.
- KERR, C. **The uses of the university.** 1. ed. Massachusets: Harvard University Press, 1963.
- MACEDO, A. C. (ED.). **Plano de reorganização do espaço físico do ICC.** Departamento de arquitetura da Universidade de Brasília, 1980.
- MACEDO, A. C.; NEIVA, C. C. **Plano de Desenvolvimento Físico - Universidade de Brasília.** Brasília: Universidade de Brasília, 1974.
- MAHLER, C. R. **Territórios universitários: tempos, espaços, formas.** Tese—Brasília: Universidade de Brasília, UnB, 2015.
- MALTA, M. (ED.). **Campus universitário: textos.** 1. ed. Brasília: MEC, 1984.
- MELLO, Soraia Silva de and Pastore, Júlio Barêa. Ornamental flora of the Cerrado in landscape architecture: a portrait of its practical application. **Ornamental Horticulture** [online]. 2021, v. 27, n. 1 [Accessed 2 September 2022], pp. 78-87. Avaliável from: <<https://doi.org/10.1590/2447-536X.v27i1.2254>>.
- MONTANER, J. M. **Sistemas arquitetônicos contemporâneos.** Barcelona: Gili, 2009.
- MUTHESIUS, S. **The Postwar University: Utopianist Campus and College.** London: Yale University Press, 2000.
- ODOLF, P.; KINGSBURY, N. **Planting: a new perspective.** Londres: Timber Press, 2013.
- PLANO ORIENTADOR DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA.** Editora Universidade de Brasília, 1962.
- PEREIRA, F. T. DE B. **Exporting progress: os norte-americanos e o planejamento do campus no Brasil.** Tese—São Carlos: Universidade de São Paulo, USP, 2017.
- PEREIRA, E. M. DE A. A universidade da modernidade nos tempos atuais. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas)**, v. 14, n. 1, p. 29–52, 2009.
- PINTO, G. DE A.; BUFFA, E. **Arquitetura e educação: câmpus universitários brasileiros.** São Carlos: EdUFSCar, 2009.
- PIMENTEL, Amanda; MARTINS, Juliana. **O Impacto da Pandemia na Violência de Gênero no Brasil.** In: Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2020. São Paulo: [s.n.], 2020, v. 14. Disponível em: <<https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2020/10/anuario-14-2020-v1-interativo.pdf>>. Acesso em: 5 nov. 2020.
- PLANO ORIENTADOR DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA.** Editora Universidade de Brasília, 1962.
- PRAÇA MAIOR. **Acropole - Edição especial da Universidade de Brasília**, Ano 31. n. 369/370, p. 09–10, fev. 1970.
- QUEIROZ, C. J. P. V. DE. **Instituto Central de Ciências - Plano de conclusão e sistematização de usos.** Centro de Planejamento em Arquitetura e Urbanismo (CEPLAN), 1990.
- RASHDALL, H. **The Universities of Europe in the Middle Ages.** 1. ed. London: Oxford University Press, 1895. v. 1
- RIBEIRO, D. Universidade de Brasília. **Educação e Ciências Sociais**, v. 8, n. 15, 1960.
- RIBEIRO, D. **UnB: invenção e descaminho.** Rio de Janeiro: Avenir editora, 1978. v. 3

- RIBEIRO, D. (ED.). **Universidade de Brasília**. New edition ed. Brasília, DF: Editora UnB, 2011.
- RODRIGUES, L. A. F. **Universidade e a fantasia moderna**: a falácia de um modelo espacial único. Niterói: [s.n.].
- SALMERON, R. A. **A universidade interrompida**: Brasília 1964-1965. 2 rev ed. Brasília, DF: Editora UnB, 2007.
- SANTOS, B. DE S. Da ideia de Universidade à Universidade de ideias. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 27/28, p. 11-62, jun. 1989.
- SANTOS, B. DE S. **A universidade no século XXI**: para uma reforma democrática e emancipatória da Universidade. [s.l: s.n.].
- SCHLEE, A. R. et al. **Registro arquitetônico da Universidade de Brasília**. Brasília, DF: Editora UnB, 2014.
- SIQUEIRA, M. Jardins de Cerrado: potencial paisagístico da savana brasileira. **Revista Varau**, p.32-46, 2016.
- SIQUEIRA, M.; SCHMIDT, I.; SAMPAIO, A.; ROBREDO, A. More than trees. **Landscape Architecture Frontiers**, v.5, p.144-153, 2017.
- SOARES, E. O. Planos e propostas institucionais da Universidade de Brasília sobre o uso e a ocupação do Campus Universitário Darcy Ribeiro. **Paranoá - cadernos de arquitetura e urbanismo**, n. 21, 2018.
- SUCUPIRA, N. **A condição atual da universidade e a reforma universitária brasileira**. Brasília: MEC, 1972.
- TACO, P.W.G.; DAFICO, C.C.F.; SEABRA, L.O. Transporte circulação dos usuários do campus Darcy Ribeiro da Universidade de Brasília: elementos para uma política da mobilidade sustentável. **Universidade para o Século XXI: educação e gestão ambiental na Universidade de Brasília**. Decanato de Extensão. Universidade de Brasília. 2011.
- TEIXEIRA, A. **Ensino superior no Brasil**: análise e interpretação de sua evolução até 1969. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1989.
- TURNER, P. V. **Campus**: an American planning tradition. New York: Cambridge, Mass: Architectural History Foundation; MIT Press, 1987.
- VERGÈS, Françoise. **Um feminismo decolonial**. Trad. Jamille Pinheiro-Dias; Raquel Camargo. São Paulo: Ubu Editora, 2020.
- VILELA, Nádia B. T. **Refugiadas Urbanas**: Design Tático para repensar o trajeto das mulheres em situação de rua na Asa Norte de Brasília. Trabalho de conclusão de Curso - FAU-UnB. Brasília, 2022.

